

**Morrer em si para viver si: A deturpação da memória e o apagamento da identidade em
Antes de nascer o mundo de Mia Couto**

**Die in you to live in yourself: The distortion of memory and the erasure of identity in
Antes de nascer o mundo by Mia Couto.**

Isabela Padilha Papke¹

RESUMO

Em sua obra *Antes de nascer o mundo* (2009), Mia Couto resgata as memórias e identidades de uma família que vive num contexto de guerra. O presente trabalho pretende analisar como o personagem do pai, Silvestre Vitalício, utiliza-se de recursos linguísticos para apagar sua identidade e ao mesmo tempo deturpar sua memória traumática, à luz de teorias como as de Pollak (1989) e acerca da memória e do esquecimento. Deseja-se, também, compreender a relação desse personagem com seu filho, protagonista e narrador da obra, Mwanito, no intuito de abordar o como sua postura mediante ao trauma interfere, também, na construção de identidade de seus filhos, nos pautando em artigos, como de Debieux (2001), a respeito das definições da psicanálise mediante reflexões acerca das relações entre parentalidade e trauma.

Palavras-Chave: Esquecimento. Memória. Linguagem. Identidade.

ABSTRACT

In her work *Antes de nascer o mundo* (2009), Mia Couto rescues the memories and identities of a family that lives in a context of war. The present work intends to analyze how the father's character, Silvestre Vitalício, uses linguistic resources to erase his identity and at the same time distort his traumatic memory, in the light of theories such as Pollak's (1989) and about memory and of oblivion. It is also desired to understand the relationship of this character with his son, protagonist and narrator of the work, Mwanito, in order to address how his posture through trauma also interferes in the construction of his children's identity, based on articles, as Debieux (2001), regarding the definitions of psychoanalysis through reflections on the relationship between parenting and trauma

Keywords: Forgetfulness. Memory. Language. Identity.

“Toda história do mundo não é mais que um livro de imagens refletindo o mais violento e mais cego dos desejos humanos: O desejo de esquecer. (Herman Hesse)

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a obra *Antes de Nascer o mundo* (2009), do autor moçambicano Mia Couto. O livro conta a história de uma família composta por um pai Silvestre Vitalício dois filhos (Mwanito e Ntunzi) e um tio (Aproximado), que sobrevivem isolados da

¹ Doutoranda na área de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa de Literatura, Sociedade e História da Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: isabelappapke@gmail.com

cidade, num contexto da Guerra Civil de Moçambique, pela busca da independência. No entanto, esse isolamento, não ocorre mediante a guerra, e sim por uma escolha do pai, que após perder a esposa, em um evento trágico, acaba por temer o mundo de uma forma estrondosa, decidindo ficar o mais longe possível de qualquer perigo, para evitar perder mais entes queridos. Na narrativa, há um foco nas relações entre os personagens, no contexto familiar e, principalmente, na maneira como o trauma de Silvestre afeta essas relações, deixando a guerra e o contexto histórico, em segundo plano, numa proposta que difere de outras obras do autor como *Terra Sonâmbula*, *A Varanda do Frangipani* e *O Último Vôo do Flamingo*.

Há que se refletir que, essa decisão de não priorizar o contexto histórico, dentro da narrativa, talvez se dê, justamente, pelo fato de que, Silvestre Vitálicio, o personagem que nos é mais caro, nesta análise, se recuse a visitar suas raízes, de modo a anulá-las, fazendo de *Antes de Nascer o Mundo* uma obra que verse não sobre um resgate da memória, mas sobre o esforço para esquecê-la. Em vista disso, conseguimos ter a percepção de que essa obra, se distingue, não só por proporcionar um foco detalhado a psicologia de seus personagens, mas por se tratar de uma obra sensível e instigante, que nos incentiva a continuar a leitura mediante sua forma de lidar com os fatos. Seu enredo gira em torno, principalmente, da busca do narrador e protagonista, Mwanito, por sua identidade, e de sua conturbada relação com seu pai Silvestre Vitálicio, que é um verdadeiro impasse nesta descoberta.

Deste modo, observando a conjectura narrativa do texto, este trabalho objetiva-se em analisar o personagem de Silvestre, de modo a compreender seus intuítos em distorcer a sua memória traumática e de seus filhos, de forma a negligenciar lhes o conhecimento de suas próprias identidades. Pretendemos, aqui, portanto, compreender os efeitos destes fatos na constituição do personagem de Silvestre e na sua relação com sua família, nos debruçando, principalmente, em sua relação com seu filho caçula, Mwanito, que é também o narrador da obra.

Vivendo no avesso

Michel Pollak em seu texto *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989) pontua que as “razões políticas do silêncio se acrescentam aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais.” (POLLAK, 1989, p.6). Temos, na obra,

essa categorização, por meio da figura de Silvestre Vitálicio, que mantém um passado não dito, oculto por memórias, das quais ele não ousa mencionar aos filhos, mas que, contudo, se revelam, tardiamente na narrativa, por serem luz a identidades apagadas, mediante aos silêncios desse pai.

Mas qual seria o trauma de Silvestre? A narrativa nos entrega essa informação prematuramente: a morte de sua esposa Dordalma. No entanto, há questões submersas neste acontecimento, das quais discorreremos ao longo deste texto. Por hora, apenas essa informação dá conta de nos guiar em nossa análise. Passemos, portanto, a observar a relação de Silvestre com este acontecimento.

De novo, era Dona Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não havia como dar enterro àquele fantasma. A sua misteriosa morte, sem causa nem aparência, não a roubara do mundo dos vivos. (COUTO, 2009, p. 21)

Por meio deste trecho, começamos a perceber que o motivo de tantos segredos e cautelas é a forma como Dordalma faleceu. Mwanito é quem mais sofre com essa dúvida, visto que não possui lembranças de sua mãe e, naturalmente, as reivindica para o pai. No entanto, sempre que Mwanito questiona Silvestre acerca de sua mãe, este acaba por deturpar essas memórias, adotando a metodologia de mencionar que sempre que ele tocasse no nome da mãe, catástrofes envolvendo elementos da natureza, poderiam ocorrer, de forma a amedrontar os filhos e a evitar ter de se explicar acerca da figura materna.

No entanto, essa problemática ganha corpo com o medo de Silvestre, que acaba por restringir não só a figura materna, como a figura feminina em si, dificultando ainda mais qualquer possibilidade de se tomar conhecimento do assunto. “A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada, interdição: as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto.” (COUTO, 2009, p. 22-23).

Em Silvestre Vitalício, a linguagem é reflexo dessa angústia, que tropeça em seus termos e se encobre nos véus de suas figuras para tentar não falar acerca do que lhe corrói, sua dor é tanta, que é necessário ir além, restringir a linguagem, bloquear a zona de possibilidades abertas. Retomando Pollak veremos que:

No plano coletivo, esses processos não são tão diferentes dos mecanismos psíquicos ressaltados por Claude Olievenstein: “A linguagem é apenas a vigia da angústia.” Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. E aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa si mesmo e a aquilo que ele pode transmitir ao exterior. (POLLAK, 1989, p. 8).

Entretanto, a própria narrativa se constrói de modo a revelar que a ferida de Silvestre não se estanca e que a linguagem diz até quando não diz. A própria onomástica das personagens nos guia de forma a compreender-se os acontecimentos, a começar pelo fato da mãe se denominar “Dordalma”, o que nos convida a remeter a dor, e não a qualquer dor, a dor da alma, pois a mãe é o cerne do trauma colocado em voga. Talvez, por isso mesmo, um dos momentos mais simbólicos de todo o texto, se construa em torno da relação de nomes. Em sua obra *Literaturas Africanas Comparadas: Paradigmas Críticos e Representações em contraponto* (2019), Elena Brugioni comenta que:

Na observação crítica da fisionomia linguística da escrita de Mia Couto, um dos pressupostos gerais a se considerar é ambiguidade funcional e simbólica da língua portuguesa no contexto social, cultural e político moçambicano, destacando-se como um dos elementos centrais da inscrição dessa proposta literária na dimensão fenomenológica de uma intervenção cultural situada. Este aspecto torna-se particularmente emblemático, uma vez que é relacionado com as especificidades de um contexto como o moçambicano no qual a língua portuguesa – similarmente a outros contextos africanos – é caracterizada por um conjunto de atribuições, simbólicas, históricas, políticas, socioculturais, problemáticas e ao mesmo tempo específicas. (BRUGIONI, 2019, p. 175).

Podemos notar, pela colocação que a literatura de Mia Couto se caracteriza por sua fisionomia linguística, este tato presente em suas obras é sua forma de entregar um novo patamar a linguagem, de revelar seu âmago. Muito mais do que a temática do trauma há aqui todos os caminhos linguísticos que se perpassam na constituição deste na narrativa, de formas ainda mais adensadas, como veremos a seguir.

Isento de si mesmo

Após, tomarmos conta, de que se trata o trauma, temos um fator que desencadeia todas as outras questões identitárias carregadas pelo texto: o dito rebaptismo, como mostra o trecho abaixo:

E fomos convocados um por um. E foi assim: Orlando Macara (nosso querido Tio Madrinho) passou a Tio Aproximado. O meu irmão mais velho, Olindo Ventura, transitou para Ntunzi. O ajudante Ernestinho Sobra foi renomeado como Zacaria Kalash. E Mateus Ventura, meu atribulado progenitor, se converteu em Silvestre Vitalício. Só eu guardei o mesmo nome: Mwanito. — Este ainda está nascendo — justificou assim meu pai a permanência do meu nome. Eu tinha vários umbigos, já nascera vezes sem conta, todas elas em Jesusalém, revelou Silvestre em voz alta. E seria em Jesusalém que iria concluir o meu último parto. O mundo de onde fugíramos, o Lado-de-Lá, era tão triste que não dava vontade de nascer. (COUTO, 2009, p. 25).

Como o próprio Mwanito muito bem narra, por meio do rebatismo, eles ficam cada vez mais isentos de passado, seu nome lhes carrega a tradição, seus antepassados, e isso atrai a negação do tio para o ato de Silvestre. Isso pode ser visto neste trecho:

Nesse momento, Tio Aproximado interrompeu a cerimônia e pediu a Silvestre que, se o assunto era sério, ao menos ele se lembrasse dos antepassados para nomear os filhos. Sempre tinha sido assim, geração após a geração.
— Sossegue os nossos avós, dê o nome deles aos meninos. Proteja esses miúdos.
— Se não há passado, não há antepassados. (COUTO, 2009, p. 26).

Podemos perceber que, mesmo que Aproximado evoque a tradição, Silvestre não deixa que isso lhe impeça de realizar o rebatismo. Tamanha é sua angústia interna que ele é capaz de passar por cima de tudo, até mesmo de suas raízes, no intuito de extinguir seu passado. Há aqui duas questões a serem analisadas. Primeiro, nota-se que a ação de vitalício se constitui na tentativa de apagamento de seu trauma, mas há se questionar que sua atitude implica no apagamento identitário de Mwanito e Ntunzi que ao perderem seus nomes perdem também completamente seu passado.

Conseguimos vislumbrar essa situação de uma forma mais clara, por meio do artigo, de Miriam Debieux Rosa, denominado *O não-dito familiar e a transmissão da história 2001*, no qual a teórica disserta acerca das problemáticas das coisas ditas e não ditas pelos pais na formação da identidade da criança. A autora comenta que, pais que optam por não contar fatos da história de seus filhos, por algum motivo, partem de três suposições; a de que é possível galgar-se um futuro, independentemente do passado; a de que o passado deve ser apagado, uma vez que sua revelação poderia causar um trauma em seu filho e, por fim, a de que estes pais se apoiam num contexto de que só se deve transmitir o que diz s questões positivas. Sobre isto, menciona que:

Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p. 8).

Debiuex menciona que o que não é dito é recoberto por essa alternativa que é dita, produzindo uma cadeia de significações no sujeito, tornando a história não uma sequência de fatos e datas, mas uma trama de sentidos. Nesse caso, os fatos existem e reclamam a falta deste sentido e, na exigência desta falta, se forma o pressentimento do que seria a história. O conceito de calar sobre algum acontecimento, por tanto, se trata de uma tentativa de suspensão de sua significação, tanto para quem cala, como para o outro que recebe outro significado tomado como verdade. Sobre isso, diz Debieux:

A história de uma vida vivida como história; a sujeição às leis da linguagem, responsável pela sobredeterminação; e o jogo intersubjetivo, pelo qual a verdade do desejo penetra no real, dimensão do sem-sentido que intima o sujeito à articulação com o outro para que possa, nesta relação, existir. (DEBIEUX, 2001, p. 126).

Para a acadêmica, o luto do passado não se opera com esquecimento e segredo. O que foi descartado como não dito, retorna para vida do sujeito enquanto sintoma, por várias gerações, até que a verdade se fale. A historicização do desejo é quem funda os efeitos sobre o sujeito, independente da sua grandiosidade ou fracasso dos acontecimentos. Dessa forma, a transmissão é útil por permitir que o passado sirva enquanto exemplo daquilo que exige um corte, para que não se repita. “Desta forma, *recuperar a história*, tomada aqui como as marcas do que deve ser representado, é um processo que inaugura, para cada homem, a possibilidade de ser novo e não mera repetição do luto não elaborado” (DEBIEUX, 2001, p. 133)

Percebemos, pelo texto de Rosa, que Silvestre segue essa apelação de ressignificar o passado, no intuito de não evocar um trauma em seus filhos e de não lidar com suas perdas. No entanto, há de se perceber que esse movimento também causa traumas, pois sua didática autoritária, na construção de um novo mundo, sem rodeios do passado, acaba por gerar um trauma novo em seus filhos, que possuem a sede de encontrar a ciência das informações que não lhes fora entregue e, ocasionalmente, acabam por descobrir a verdade, de uma maneira que lhes causa muito mais sofrimento. Deste modo, percebemos que há, na narrativa, esse

movimento de mostrar que as palavras sempre escapam, há sempre uma maneira de dizer, e o que não é dito, uma hora será, como veremos agora.

Viajante incessante do inverso

Ainda no rebatismo, há um episódio que categoriza um dos que podem-se caracterizar como sendo um dos maiores momentos da trama: a revelação da história de Mwanito e de sua direta relação com o trauma de Silvestre.

Mwanito, como diz o próprio adjetivo, que lhe auto entrega, é o *afinador de silêncios*. Ele tem a missão de afinar os silêncios de sua história, cabe a ele, dar voz a tudo que não tem, inclusive a sua própria identidade. Mwanito cresceu por através de mitos, não se conhece, conhece apenas o que seu pai lhe permite ter lucidez. A narrativa que ele realiza acerca de seu pai, se inicia dizendo: “Conheci meu pai antes de mim mesmo. Sou, assim, um pouco ele.” (COUTO, 2019, p.20). Uma cena na narrativa, presente no rebatismo, é crucial para entendermos a relação de Mwanito e Silvestre:

Contrariado, Aproximado abandonou a cerimónia. Ntunzi seguiu o Tio, deixando-me sem saber o que fazer. Sentado a meus pés restava o militar, procurando no alto céu solução para as suas hesitações ortográficas. O cerimonioso Silvestre aliviou a pressão do lençol em redor do pescoço e afirmou: — Somos cinco pessoas, mas há só quatro demónios. A você — apontou para mim —, falta um diabo. Por isso, você nem carece de nenhum nome... basta-lhe assim: mwana, Mwanito (COUTO, 2009, p. 26).

No trecho anterior, Silvestre diz que Mwanito ainda está nascendo, e aqui vemos que seu próprio nome significa sem denominação. A perda de sua identidade é tão grotesca que nem de nome precisa, ainda está a nascer, ao menos na visão de seu pai. Isso se dá por culpa de seu nascimento, que explica muito dos traumas de seu pai e que vem à tona em seguida na narrativa.

Nessa noite fez luar e me custou a adormecer. As recentes palavras de meu pai sobre o meu incompleto nascimento ecoavam em mim. E me veio à mente que eu era culpado da minha própria orfandade. Minha mãe morrera não porque tivesse deixado de viver, mas porque havia separado o seu corpo do meu. Todo nascimento é uma exclusão, uma mutilação. Fosse vontade minha e eu ainda seria parte do seu corpo, o mesmo sangue nos banharia. Diz-se “parto”. Pois seria mais acertado dizer “partida”. E eu queria corrigir aquela partida (COUTO, 2009, p. 26)

Os traumas de Mwanito e de Silvestre, por aqui se encontram. Por este trecho, percebemos que muito do receio de Silvestre a trazer as coisas à tona vinha também de sua

proteção para com o filho. A morte da esposa lhe é uma ferida tão grotesca que nem em mulheres ele pode ouvir falar. Quando disse que todos tinham demônios, menos Mwanito e que, por isso, ele poderia ficar assim sem nome, há talvez um erro. Mwanito tem o maior dos demônios, é filho da morte, e da morte de sua mãe.

Nota-se que a relação semântica estabelecidas nestes vocábulos, fazem da essência de Mwanito, dialética. Seu nascimento conflui na morte de sua mãe, seu próprio nome carrega o significado de não ter um nome. Para seu pai, ele nem se quer nasceu ainda e de seu parto, que remete à uma intensa ligação dele a sua mãe, é o sinal da partida dela, e da ruptura desta relação. Vemos aqui, este cerceio linguístico, essa contradição, que fica evidente quando paramos para observar a construção de Mwanito na narrativa, até mesmo seu epíteto de afinador de silêncios, se torna contraditório, ao passo que o personagem que mais tem o que dizer em toda a história, é ele.

Mwanito dá voz aos silêncios, decifra o que por deles tem em volta e faz isso na intenção do autodescobrimento. Seu pai não gostava que ele lesse, nem que rezasse, nem que escrevesse, nem que perguntasse. A linguagem é o maior problema de Silvestre, pois é por meio dela que tudo sai debaixo do silêncio que ele tenta encobrir e, seu filho, na condição de afinador de silêncios, sabe muito bem disso. A linguagem é o que lhe move, sendo que a própria descrição de seu processo de alfabetização torna tudo mais claro:

Não tardou que começassem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. Aos poucos, eu entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos que, em mim, nunca chegaram a existir. (COUTO, 2009, p. 27).

Pollak pontua que “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado.” (POLLAK, 1989, p.8), e Mwanito faz isso, usa dos não ditos de seu pai. Ele erra quando diz que os passados nunca lhe existirão, eles na verdade nunca lhes foram entregues, mas, na sutileza de suas ações, ser-lhe-á devolvido.

Nunca disse a Ntunzi, mas tinha, na altura, a impressão de que não aprendia com ele. A minha verdadeira professora era Dordalma. Quanto mais decifrava as palavras, minha mãe, nos sonhos, ganhava voz e corpo. O rio me fazia ver o outro lado do mundo. A escrita me devolvia o rosto perdido de minha mãe (COUTO, 2009, p. 28).

Tudo que a Silvestre causa medo e temor, a Mwanito traz a verdade, a esperança. Dordalma é a maior ferida de vitalício, assim como a de Mwanito, mas na contrapartida de seu pai, ele abraça a sua dor, o seu trauma, o escancara e não o encobre, na linguagem que para o pai é aflição, para ele configura-se a chave de sua libertação. Lia Scholze, em seu artigo *A linguagem como elemento privilegiado na construção da reflexão de si* (2007), postula que:

Considerando a importância da linguagem na construção do humano, faz-se necessária a busca do mistério das palavras. Pelas palavras pode-se dar sentido às coisas, e com elas é que se constroem os sentidos do mundo através da reflexão que elas provocam, mantendo vivo o fio da existência entre os indivíduos. Kristeva (2002) afirma que a vida é uma narrativa e busca em Aristóteles a concepção de que o destino da vida, o da narrativa e o da política estão interligados. Deve-se, porém, também admitir a incompletude das palavras e, nessa medida, ter o entendimento de que a escrita nos permite sempre novas possibilidades de vida e de existência. A escrita, como uma das experiências subjetivas mais intensas, nos permite representar a vida e através da possibilidade de contar, da criação narrativa, interrogar as ações, por sua propriedade de contar a vida dando-lhe um sentido. A recuperação do indivíduo, para Arendt (1995), só tem sentido se for vista na sua relação com o Outro. O valor da narrativa está na sua capacidade de interrogar a vida e a relação entre os indivíduos (SCHOLZE, 2009, p. 139).

Podemos perceber que, Mwanito detém todo esse poder por ser o narrador de sua história, sua saga é a sua descoberta de si mesmo. Scholze ratifica que “a capacidade de reflexão sobre o que fazemos e, em especial, sobre o que fazemos com nós mesmos e o que deixamos fazer conosco é da nossa condição humana, e ela se dá pela linguagem como possibilidade de constante re-invenção de nós mesmos.” (SCHOLZE, 2009, p.143). Talvez Silvestre esteja errado, Mwanito não está a nascer, já nasceu e vive, pulsa humano por meio de sua linguagem, quem talvez já não exista, ausente dessa convenção, distante dessa reflexão, seja ele mesmo.

Viúvo de si mesmo

Um fato final, no capítulo de vitalício, é extremamente necessário no que tange a nossa conclusão de sua análise. Dentre suas proibições, estava o rio, próximo à casa que residiam, proibição essa que, sem dúvidas, atraiu seus filhos para a desobedecerem. A desobediência gera uma rude briga entre Silvestre e Ntunzi que, posteriormente, se torna febril. Na intenção de sua

cura, seu tio pede que o levem ao rio, para que sua temperatura abaixasse quando entrasse em contato com a água:

O rio era a última cura. Eu e o militar transportámos Ntunzi no carrinho de mão, as pernas bamboleantes pareciam já terem falecido. Zacaria mergulhou o corpo inerte de meu pobre irmão nas águas, fazendo-o emergir e submergir sete vezes na corrente. Aconteceu, contudo, que o Ntunzi não melhorou, nem as febres deixaram de queimar seu definhado corpo. Perante o previsível desfecho, Tio Aproximado quis levar o menino para um hospital da cidade.

— Peço-lhe, mano Silvestre. Regresse à cidade.

— Qual cidade? Não há cidade nenhuma.

— Acabe com isto. Esta loucura não pode durar mais tempo.

— Não há nada para acabar.

— Você já conhece a dor da viuvez. Mas você não aguentaria a morte de um filho.

— Deixe-me ficar sozinho.

— Se ele morrer você nunca mais ficará sozinho. Será a sua segunda má companhia (...) (COUTO, 2009, p. 32).

Podemos perceber que, um dos outros receios de Silvestre Vitalício, era o de que seus filhos entrassem em contato com a cidade, e com ela conhecessem o perigo, pois o contexto, implícito na narrativa, é da presença de uma guerra civil, como anteriormente já comentamos. Contudo, o tio parecia em suas falas ver outra realidade:

Suspendeu o Tio pelos colarinhos e o fez chocalhar dentro da roupa. Saberria o parente por que motivo a família havia, até então, escapado a feras, serpentes, enfermidades e acidentes? A razão era simples: em Jerusalém, não havia mortos, não havia risco de tropeçar nem em campa, nem em choro de viúvo, nem em lamento de órfão. Ali não havia nenhuma saudade de nada. Em Jerusalém, a Vida não tinha que pedir desculpa a ninguém. Nem ele, naquele momento, se sentia obrigado a mais explicações (COUTO, 2009, p. 33).

Mwanito culpado pelo irmão, questiona o tio, dizendo que ele talvez tenha provocado a doença do irmão na intenção de irritá-lo, contudo o tio lhe conta uma história, que nos é muito significativa para análise:

E falou de um incerto pai que não sabia dar tamanho ao amor pelo seu filho. Certa vez registou-se um incêndio no casebre em que viviam. O homem pegou no menino ao colo e se afastou da tragédia, caminhando pela noite fora. Deve ter superado o limite deste mundo pois quando, por fim, decidiu colocá-lo no chão, reparou que já não havia terra. Restava um vazio entre vazios, rompidas nuvens entre desmaiados céus. Para si mesmo, o homem concluiu:

— Agora, só no meu colo meu filho encontrará chão (COUTO, 2009, p. 33).

Pela história do Tio aproximado, podemos ver Silvestre na condição do Pai e Mwanito na condição do filho. Silvestre, talvez, nunca soube e nem saberá expressar o amor da forma que Mwanito desejasse que ele fizesse. Mas, inegavelmente, sabemos, agora, que se ele o esconde, o protege do mundo, o livra das informações, mesmo que este ato lhe anule a existência, é porque do outro lado da moeda, temos um pai preocupado com o seu filho, que nasceu num mundo caótico e, ainda, sem a presença de sua mãe. É porque muito mais do que tudo isso ele esconde sua grande dor, a dor de ter se perdido quando Dordalma partiu. “A verdade é que, no trono absoluto da sua solidão, meu pai se desconstrava com o juízo, fugido do mundo e dos outros, mas incapaz de escapar de si mesmo.” (COUTO, 2009, p. 31)

A crua verdade residente nessas palavras de Mwanito, que resumem a essência dos vivos traumas de seu pai, que mesmo tendo a habilidade fugir de suas perguntas, de negar o próprio nome, não se anula de seu principal inimigo: sua consciência. Silvestre rejeita sua condição de reconstrutor do passado, ao invés disso ele se torna destruidor deste, aniquilador da memória coletiva de sua família, de seus filhos, quando opta por não passar esta adiante, quando opta por anular até mesmo as identidades dos que o cercam. É como menciona Pollak:

Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões (POLLAK, 1989, p. 13).

Em seu artigo *Trauma e Temporalidade* (2003), Ana Maria Rudge pontua que a abertura para o trauma é uma virtualidade permanente que não se constitui enquanto algo recalcado pelo sujeito e em um acontecimento atual. Como uma impossibilidade de fazer sentido com que surge na atualidade, o trauma não se apoia no recalque, sinalizando um vazio, afinal, a angústia se instala, automaticamente, rompendo a barreira, estabelecendo um estado traumático.

É este vazio que não permite caracterizar teoricamente o trauma apenas pelas qualidades do acontecimento que surpreendeu dolorosamente o sujeito. O valor traumático do acontecimento é relativo a um determinado psiquismo, e, portanto, regido não apenas pelas qualidades do fato, mas também pela história do sujeito. O que a história justifica é a impossibilidade de antecipar ou de integrar um evento, como algo dotado de uma significação que possa se articular às narrativas que o sujeito se dá de si mesmo e do mundo em que vive (RUDGE, 2003, p. 114)

Rudge ainda disserta que o sintoma causado pelo trauma possui uma feição de repetição, que tenta se integrar a própria história do sujeito, de forma dominante, o tornando refém da angústia do trauma. São nesses processos que Silvestre lida com o tempo e com aquilo que deve, ou não, transmitir a seus filhos, como nem ele mesmo sabe como lidar com as lacunas que a angústia lhe entrega.

Considerações finais

Em vias de concluir este trabalho, cabe-nos citar a epígrafe que Mia Couto destinada capítulo de Silvestre que, a citar Sophia de Melo Breyner Andressen, diz:

[...]
Viveste no avesso
Viajante incessante do inverso
Isento de ti próprio
Viúvo de ti próprio
[...]
(COUTO,2009, p. 20)

É interessante o modo como esta epígrafe, visceralmente, se encarrega de resumir toda a trajetória de Silvestre Vitalício, em via de exercer um grande auxílio, neste contexto conclusivo. Silvestre vive em posição de negação, porque não encara seu trauma. Vive no avesso, viajando incessantemente no inverso, por fazer de tudo para fugir de sua própria trajetória. Acaba por isentar-se de si próprio, porque não toca em sua identidade verdadeira, nem enquanto nome próprio e torna-se um viúvo de si próprio, visto que mata a própria história, para poder continuar vivendo e suportando viver.

REFERÊNCIAS

BRUGIONI, Elena. **Literaturas Africanas Comparadas: Paradigmas Críticos e Representações em Contraponto**. Campinas, Editora da Unicamp, 2019.

COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

DEBIEUX, Miriam Rosa. O não-dito familiar e a transmissão da história. **Psychê**, n. 8, p. 123-137, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RUDGE, Ana Maria. Trauma e temporalidade. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, p. 102-116, 2003.

SCHOLZE, Lia. A linguagem como elemento privilegiado na construção da reflexão de si. **Letras de Hoje**, v. 42, n. 2, 2007.